

*Fillipa Carneiro Silveira**

Nosso número 70 traz uma série de reflexões que tocam cruzamentos entre a Filosofia, a Educação e, neles, um sentido de *formação* que, de alguma maneira, reúne em comum essas duas regiões do saber. Aliás, é sobretudo em torno desse sentido de *comum*, para além do domínio do conhecimento, mobilizando densas questões de ordem moral e política, que o dossiê *Governo das diferenças e as cartografias do ingovernável na educação: entre a arte e a política*, organizado pelos professores Pedro Ângelo Pagni e Divino José da Silva, nos conduz entre os inúmeros desafios do *Mesmo* e da *Diferença*. Aproveitamos para convidar à leitura de sua apresentação!

Nesse momento em que nos movemos, em um *mundo* que usávamos “partilhar” por meio da informação, e que vemos agora experienciado em comum pela presença global de uma ameaça invisível e pela intensificação de práticas de recusa da diferença: sucumbimos ou resistimos? Que controvérsias produtoras, resistências e afirmações somos capazes de sustentar? Diante do conflito entre uma tradição que nos *formou*, ao mesmo tempo em que cristalizava preconceitos e privilégios, e os esforços emancipatórios que clamam por diferença e equidade ética, política e material: o que pode nos oferecer o pensamento?

Ele diz respeito ao que nos fortalece diante da experiência oscilante entre o medo e o enfrentamento, ao entrecruzamento mesmo entre o “pessimismo da inteligência” e o “otimismo da vontade”

* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: fillipasilveira@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9270-3517> .

gramscianos. É nele que podemos sustentar o desafio do “um” nas margens e contornos da diferença, desdobrando sentidos do *resistir* e do *formar* que, em sentidos distintos de alcance e significância, podemos oferecer aos processos totalizadores de condução da existência.

No primeiro artigo do dossiê, Paulo Silveira, em *O lugar próprio no espaço impróprio: o negro, o judeu e o comum* nos convida a pensar sobre o exílio e o que nele tornaria comuns aqueles que, vitimados pelo antisemitismo e pelo colonialismo, encetaram, na França do Pós-guerra (contraditoriamente, diríamos), um vasto campo de vivências e debates sobre a condição do desterro e da perseguição.

Na sequência, Jorge Castillas, em *Arte, educación y comunidad en la estética pedagógica* problematiza a noção de *comunidade* do ponto de vista dessa tendência estética contemporânea e a partir de um espírito emancipatório. Em sintonia com as teorias mais críticas da sociedade capitalista de produção, aborda a questão do espaço “comum”, nas relações entre arte e educação, reforçando a centralidade dos vínculos sociais, fragilizados na sociedade capitalista.

No terceiro artigo, *Em defesa de uma desordem pedagógica: a institucionalização da infância no cinema e no cotidiano escolar*, Alexandrina Monteiro e Valéria Aroeira Garcia abordam os filmes *A Guerra dos Botões* e *As Pequenas Flores Vermelhas*, trazendo discussões acerca dos mecanismos de resistência a processos gerais de institucionalização da infância e intensificação de aspectos individualistas e narcísicos no ambiente escolar. Os mecanismos de (des) ordem pedagógica constituiriam formas de enfrentamento aos princípios individualizantes da política neoliberal.

Em *Por uma política de leitura aberta de mundos: o buraco negro e o fim do mundo como possibilidade de nascimentos crianceiros*, Alessandro Rodrigues e Leonardo de Souza problematizam as relações de poder e os privilégios envolvidos no sistema sexo-gênero nos espaços educativos, discutindo formas de deslocamento dos modos de leitura, assim como dos próprios modos de subjetividade instituídos. A aposta seria em “leituras buraco-negro” como “políticas anais”, práticas

revolucionárias de destituição do corpo-cérebro como forma única do pensamento e do modo de pensar e estar no mundo.

O quinto artigo, *O governo das diferenças e a potência da vida surda na escola*, de Vanessa Martins, parte da compreensão da surdez como acontecimento ontológico e discute o movimento de resistência das pessoas surdas às políticas igualitárias. A surdez não seria vista como apenas uma diferença no sentido linguístico-cultural, mas como “efeito de uma diferença ontológica”, capaz de sustentar o “ser” surdo e as práticas de contra-ação à racionalidade ouvinte, marcada por políticas educacionais normalizadoras.

Em seguida, Carlos Martins e Flávio Alves discutem, em *Cartografias da ingovernabilidade dos corpos na arte e na vida*, as relações entre os corpos e a cultura em processos de reificação e governo dos corpos contra os quais se insurge a arte, na forma de “cartografia intensiva”. Trata-se de pensar ainda o corpo, irreduzível à sua dimensão extensiva, utilitária, funcionalista, normativa e instrumental.

Por fim, o último artigo do dossiê, *Sociedade de desempenho e governo da vida deficiente* versa sobre a resistência desse modo de vida que retarda e subverte a lógica do cálculo administrativo. Aquilo que, na vida deficiente, constitui recusa à cultura do desempenho e afrontamento ao biopoder produz a experiência do estranhamento pela diferença, impele à crítica da vida normalizada, no sentido da abertura para a alteridade.

Os demais artigos do presente número ampliam e complementam, de formas múltiplas, as análises do dossiê, reverberando questões relativas à formação e suas implicações, e explorando temas gerais na Filosofia e na Educação, como a vida, a memória, a alteridade, a problematização crítica e o ambiente escolar.

Em *Desigualdade, pobreza e diferença: precariedade na vida escolar*, Antônio Chizzotti e Alípio Casali abordam os efeitos de precarização causados pela pobreza, pela desigualdade e demais processos de inferiorização no âmbito escolar. Apresentam resultados de uma pesquisa de cunho bibliográfico no campo da economia, sociologia, direito e filosofia, em que articulam o problema de uma circularidade entre

pobreza e fracasso escolar, um processo de precarização que os projetos pedagógicos e as políticas públicas vigentes não são capazes de romper.

Em seguida, Bruno Borges, em *Do passeio pela filosofia Deleuze-Guattariana ao encontro com o possível conceito de programas de vida* problematiza o pensamento de Deleuze e Guattari, apresentando um possível plano de desenvolvimento para este conceito não totalmente desenvolvido por esses autores. O “programa de vida” poderia ser entendido como um conjunto de elementos experienciais fortes o suficiente para provocarem uma ruptura na linha perene que perpassa o *socius*, através das fissuras que encontra no território que percorre e na multiplicidade molecular que atravessa, ainda que ela seja uma realidade circunscrita à narrativa literária ou à experiência do próprio autor.

O terceiro artigo, *Filosofia da educação e pesquisa educacional: fragilidade teórica na investigação educacional* discute a fragilidade teórica e conceitual com que são empreendidas as pesquisas educacionais. Eldon Mühl e Cláudio Dalbosco nos convidam a pensar de que forma, seja no âmbito filosófico, epistemológico, seja no campo político ou pedagógico, a ausência de diálogo crítico e criativo com a tradição intelectual inviabilizam o desenvolvimento de formas mais genuínas de contribuição à pesquisa educacional.

Em seguida, Carlos Roberto da Silveira, Márcia Mascia e Luciana de Azeredo desdobram os muitos sentidos implicados na célebre expressão socrática sobre a dívida a Asclépio, deus da medicina. No artigo *Filosofia e Educação como “Modo de vida”*, os autores revisitam os contemporâneos Nietzsche e Foucault, explorando os enigmas inerentes a esta expressão e possíveis formas de extrair dele implicações para o educar contemporâneo.

No quarto artigo, *Humanismo do outro homem: perspectivas de uma formação a partir da sensibilidade e da ética com Emmanuel Levinas*, Vanderlei Carbonara explora a resposta levinasiana à crise do humanismo. No “humanismo do outro homem”, o conceito de *formação* é revisado, apresentando uma perspectiva orientada pela sensibilidade e pelo acolhimento da alteridade.

Em *A (re)apresentação moral: um ensaio sobre a noção de tempo de Merleau-Ponty na Fenomenologia da Percepção*, Fabrício Ponti, Tatiana Maia e Camila Barbosa apresentam os problemas implicados moral e politicamente nas questões da representação e da percepção tal como trabalhados por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da percepção*. Haveria uma dimensão moral implicada no processo de apresentação-representação passível de ser estabelecido como um caminho para nossa representação consciente. O caráter moral implicado na abordagem fenomenológica da memória encontraria, na retenção, um fundamento ético cujas implicações difeririam daquelas resultantes de uma análise moral construída no presente-vivido.

Positivista feliz” ou “hipermilitante pessimista”? Sobre os atos de problematização em Michel Foucault é o título do nosso sexto artigo, no qual Jean Soares elucida, no pensamento foucaultiano, a tarefa do pensador crítico e o conceito de problematização. Discute, nesse sentido, a diferença entre uma história das soluções e uma genealogia dos problemas, remetendo às duas atitudes nomeadas no título do artigo, apontando a postura foucaultiana que, antes, apresenta os riscos de nossas atitudes cotidianas, do que exatamente propõe soluções.

No nosso penúltimo artigo, *O que professa uma profissão?* João e Murilo Cardoso de Castro discorrem sobre o sentido dessa expressão não quanto a técnicas, práticas, atitudes e comportamentos, mas na medida em que a profissão se relaciona com a vocação. Estende, desse modo, uma reflexão sobre a vocação desenvolvida em outro artigo, para pensar a profissão como um *ai-se-é* que envolve a vocação ligada à formação.

Por fim, Maria dos Remédios Brito encerra nosso número com o *Zaratustra e o Fracasso Pedagógico*, artigo no qual discute o prólogo do texto nietzschiano, desdobrando os sentidos do diálogo na praça, encetado por Zaratustra como ato fundamental de formação e aprendizado.

Nós, da Revista Educação e Filosofia, esperamos que você, leitora e leitor, façam grande proveito da leitura!

Fillipa Carneiro Silveira, do Comitê Editorial Executivo